

**Para um ensino de filosofia que contribua com a elaboração do luto na adolescência**Felipe de Jesus Sabadini<sup>25</sup>**Resumo**

O artigo objetiva a explicação do processo psicobiodinâmico do sujeito com enfoque na adolescência e nas crises existenciais decorrentes deste período. O presente texto é uma proposta pedagógica para um ensino de filosofia que forneça ao educando estrutura e ferramenta para ajudá-lo a elaborar o luto pela perda dos paradigmas da infância e a ingressar na fase adulta. A exposição visa, também, dar ao filósofo-educador elementos para compreender o processo em que vive o educando, para que, quebrados os preconceitos, haja melhor aproximação e diálogo entre ambos.

*Palavras-chave:* Adolescência, luto, ensino de filosofia.

**For the philosophy teaching that contribute to the overcoming of the mourning in the adolescence****Abstract**

The article aims to explain the psychobiodynamic process of the subject with focus on adolescence and on the existential crises arising from this period. This text is a pedagogical proposal for teaching philosophy to provide to the student the structure and the tool to help him to overcome the loss of the paradigms of childhood and enter adulthood. The exhibition also aims to give the philosopher-educator elements to understand the process in which the student lives in, aiming the break of prejudices and the better approach and dialogue between both.

*Keywords:* Adolescence, mourning, teaching philosophy

---

<sup>25</sup>Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: felipe@felipesabadini.com.br

## Introdução

A adolescência constitui uma importantíssima fase do desenvolvimento psíquico, social e biológico do ser humano. Entretanto, não são raras as abordagens onde somente seu caráter negativo é sublinhado. Difundiu-se no senso comum a imagem do adolescente rebelde, alheio a qualquer limite, impelido por uma vontade impulsiva de mudar o mundo, sendo, ele mesmo, incapaz de resolver seus próprios conflitos. Que essa visão, mesmo sob um ponto de vista crítico, seja no mínimo verossímil, é incontestável. Contudo, cabe-nos uma abordagem onde os traços assinalados como negativos possam analisados como desdobramento de um processo necessário na vida do indivíduo. É importante considerar normal toda agitação dessa fase; anormal seria o equilíbrio e a estabilidade durante a adolescência. Este momento da vida é substancialmente *crise e luto*, visto que se perdem os fundamentos da certeza em relação a si e ao mundo. Na tentativa de readquiri-los o adolescente às vezes adota um comportamento descomedido que, somado a outros fatores, caracteriza uma entidade *semipatológica*, a que chamamos de *síndrome normal da adolescência*, que, é perturbadora para o adulto, mas absolutamente necessária para o adolescente pois, neste processo, vai estabelecer a sua identidade.

## 2 O papel do luto na dinâmica do processo da construção da identidade

### 2.1 Da infância à crise da crise

A estrutura psíquica que é formada durante a fase embrionária e fetal, se estabelece imediatamente após o nascimento, e num processo contínuo do desenvolvimento psíquico chega até a fase adulta. As etapas deste processo, segundo Jean Piaget (1896 – 1980), têm seu marco inicial na aquisição da linguagem, que ocorre dos dezoito meses aos dois anos de idade. A criança torna-se capaz de se compreender como um ente entre outros, e o mundo como externo a si mesma; antes desta etapa, o recém-nascido referia todas as coisas ao seu próprio corpo. Dos dois aos sete anos, o indivíduo adquire a capacidade de compartilhar a linguagem por meio de sinais e representações verbais. Dos sete aos onze, aprende dar justificações racionais às suas afirmações, por meio de operações lógicas, aritméticas, geométricas e mecânicas. Dos onze até os catorze, que é efetivamente o período da adolescência, ele começa a formular sistemas de ideias, a se preocupar com questões para além de seu cotidiano e elaborar teorias filosóficas, estéticas, políticas, ainda que de maneira ingênua e fantástica.

A puberdade é marco mais significativo da adolescência, e é fator determinante para o desprendimento de uma etapa que inicia desde o nascimento. O modo de vida da criança no processo que vai do nascimento até a fase do pensamento operativo-concreto, que já indicamos, é marcado pela sua relação de dependência com o meio familiar, o qual está

encarregado de suprir suas necessidades básicas e estabelecer os papéis sociais.

Atravessando, porém, essa fase, surgem mudanças corporais que obrigam o indivíduo a desconstruir sua identidade infantil e a relação que teve com os pais até então, para formular uma nova, que esteja em conformidade com seu novo corpo. Contudo, esse desenvolvimento, onde vai ser consolidada a personalidade, é de crise aguda. Isto está relacionado às mudanças que o adolescente sente em seu corpo, que se afiguram como algo externo e alheio à sua vontade. Assim, a tentativa de reter as características da infância — que estão vinculadas, também, com a condição de acomodação, dependência e isenção de algumas responsabilidades que esse status garante — coexiste com a aspiração de obter a identidade adulta. Essa etapa do processo, marcada por confusões e ambivalências que são fonte de excessiva angústia, comporta um potencial elevado de transformação e abre caminho para novas modalidades de existência.

Atravessamos um período pleno de enigmas, de dissolução de certezas tal como, no plano individual, processa-se a adolescência, inevitavelmente traumática, (...) impulsionada por rupturas e perdas, mesmo que a serviço de novos ganhos. Ainda que potencialmente criativo, este processo é permeado por forte poder destrutivo no sentido da insistência de um excesso, em primeiro lugar, pulsional, que pode vir a ser (...) promotor de notável desequilíbrio da dinâmica do conflito. (CARDOSO, M.R. 2006. p. 10)

## 2.2 O luto pela perda dos paradigmas da infância

A necessidade de construir uma nova identidade é emergencial devido às perdas sofridas no processo psicobiodinâmico. O adolescente deve estar preparado para aceitar essa perda, para, só então, poder entrar no mundo adulto. É esse processo de perda e aceitação que tratamos aqui como luto<sup>26</sup>.

Por seu turno, o primeiro luto que precisa ser elaborado é pela perda do corpo infantil, que num processo natural, perde suas características sexuais secundárias, que dão lugar às características primárias; entre as quais podemos identificar o surgimento da menstruação na menina e do sêmen no menino. Esses fenômenos, que ocorrem na puberdade e revelam a capacidade do exercício da genitalidade, têm impacto profundo no comportamento do indivíduo e na conquista da identidade adulta.

A separação progressiva dos pais, que leva o adolescente a realizar o segundo luto, acontece no momento em que estes percebem a evolução da sexualidade de seus filhos. Os efeitos dessa mudança provocam também neles angústia. Daí, cria-se uma série de mecanismos que visam conter esse avanço. A intensidade do conflito leva o adolescente a um distanciamento do meio familiar e a preferência pela adesão. Os grupos aos quais os

<sup>26</sup>Knobel, M. 1984.

adolescentes aderem demonstram, às vezes, oposição às figuras parentais. Esse deslocamento do meio familiar para o grupal é determinante para a constituição da identidade do adolescente diferente a do meio familiar.

### 3. O papel do ensino de filosofia na construção da identidade

#### 3.1 O papel do filósofo educador

Para reter as características infantis e adiar a responsabilidade dos papéis exercidos na maturidade, o adolescente demonstra desprezo pelo adulto, como mecanismos de defesa para assim manter afastada a possibilidade de assumir uma nova identidade com tudo que ela acarreta. A rivalidade se intensifica quando os pais ou as instituições tentam inserir novos valores que ou mantenham-no na condição de dependência, portanto no estado infantil ou quando tenta inserir noções de responsabilidades que o conscientizam à necessidade de atingir a maturidade intelectual, o que também é problemático, em vista da identidade infantil que ele deseja reter. Daí, essa não se torna uma fase difícil somente para o adolescente, mas também para os pais e — especialmente nesta exposição — para os professores de filosofia, que incumbidos de trazer à tona temas como moralidade, responsabilidade, autodeterminação, abertura crítica do entendimento, entre outros, impelem o educando cada vez a uma mudança no universo conceitual. Essa ambigüidade, que por um lado faz com que ele queira preservar as características infantis e, por outro, desejar alcançar a identidade adulta, leva o adolescente a oscilar entre maturidade e imaturidade, dependência e independência. Isso gera um conflito que tem implicações no seu agir. O adolescente se rebela, resiste à tomada de consciência e deprime-se ante essa resistência. Não raro, em virtude desse conflito ele toma postura de hostilidade frente ao educador e ao ensino. Todavia o educador, não deve enxergar de forma negativa essa indisposição ou resistência ao ensino de filosofia. Deve, contudo, compreender que toda a agitação neste período da vida é normal<sup>27</sup> e necessária nessa etapa da vida. Mas essa compreensão só se torna possível quando

<sup>27</sup>“O conceito de normalidade não é fácil de estabelecer, já que em geral varia em relação com o meio sócio-econômico, político e cultura (...) a normalidade se estabelece sobre as pautas de adequação ao meio, e que não significa submetimento ao mesmo, mas a capacidade de utilizar os dispositivos existentes para o alcance das satisfações básicas do indivíduo, numa interação do alcance de substituições para o indivíduo e para a comunidade. Logicamente que (...) a personalidade bem integrada não é sempre a melhor adaptada, mas tem, sim a, força interior como para advertir o momento em que uma aceitação temporária do meio pode estar em conflito com a realização dos objetivos básicos, e pode também modificar a sua conduta de acordo com as suas necessidades circunstanciais. Esse é o aspecto da conduta no qual o adolescente, em termos gerais, pode falhar. Ao viver uma etapa fundamental de transição, sua personalidade tem características especiais que nos permite situá-lo entre as chamadas personalidades marginais, no sentido da adaptação e da integração que acabamos de esboçar. Anna Freud diz que é muito difícil assinalar o limite entre o normal e o patológico na adolescência, e considera que, na realidade, toda a comoção deste período da vida deve ser considerada como normal, assinalando também, que seria anormal a presença de um equilíbrio estável durante o processo adolescente. As lutas e rebeliões externas do adolescente não são mais do reflexo dos conflitos de dependência infantil que intimamente ainda persistem.” (Knobel, M. 1984. p. 27)

entendemos a realidade humana como um processo em desenvolvimento, e a adolescência como a etapa mais importante deste processo. Ela revela-se com uma genuína experiência dialética que encontra nos três estágios do processo evolutivo (infância, adolescência e maturidade) correspondência nos três momentos do processo dialético hegeliano (tese, antítese e síntese).

### 3.2 A experiência dialética da adolescência

A infância, como primeira etapa do processo, logo precisa encontrar sua superação em vista das mudanças biológicas sofridas, as quais as psicológicas também acompanham. Esse estágio alcança o seu termo quando o indivíduo as percebe como algo progressivo, certo e irremediável. Os princípios que até aí garantiram um sentido à vida e fundamentaram os valores, começam a ser negados e entram em crise. A partir disso, a consciência se torna estranha a si mesma e se aliena, se perde e não pode mais retornar *a si*. A isto se deve a angústia e o vazio de sentido, comum na adolescência. O terceiro momento, que nós entendemos como o escopo do processo, é o da negação da negação da infância, ou seja, negação da adolescência e do apropriar-se novamente da identidade, seus princípios e fundamentos. É momento da extrusão da consciência que retorna *para si*, se encontra e se reconhece, e torna-se *por si*. A identidade infantil negada pela adolescência, retorna a si supressumida (*aufhebung*), inaugurando a fase adulta — síntese entre a infância e adolescência.

### 3.3 A autodeterminação na construção da nova identidade

A adolescência aparece como negação da infância e pré-etapa para maturidade. Ela não é, pois, uma coisa, nem outra, mas está em vias de ser. Desse modo, podemos dar outra definição para ela: é um *nada*. Não se trata, porém, de uma nulidade, pelo contrário, é um *nada* como condição de possibilidade fazer-se a si mesmo; de escolher-se, de constituir autonomamente sua identidade e o sentido de seu próprio existir.

Desta forma, o ensino de filosofia que queria contribuir com a *elaboração do luto* deve colocar o adolescente diante de sua angústia e confrontá-lo com ela. Deve dar a ele elementos para compreender sua crise e encontrar a superação. Mas há que se ressaltar que o ensino de filosofia contribui, mas não elabora o luto; aponta o caminho para *saída da caverna*<sup>29</sup>, mas não conduz para fora. O esforço da filosofia, segundo Sartre, (1905 – 1980) “é o de pôr todo homem no domínio do que ele é e de lhe atribuir a total responsabilidade da sua existência” (Sartre, 1946. p. 6). A filosofia aparece para mostrar-lhe o sentido da angústia como possibilidade de atuar-se. Qualquer tentativa de conduzir o educando com, por

<sup>28</sup>HEGEL G. W. F. (1807).

<sup>29</sup>Referência à alegoria de Platão em A República, Livro VII.

exemplo, mostras de conteúdos de ideias prontas, jargões filosóficos, diversidade correntes de pensamento e autores, que ajudam a elevar o grau de erudição, mas não confronta o indivíduo consigo mesmo, perpetuará seu estado infantil. O ensino de filosofia é, portanto, o meio para libertar o educando de suas “muletas” existenciais e torna-lo consciente de seu dever inalienável de determinar-se. Ele deve se tornar capaz de *servir-se de seu próprio entendimento*<sup>30</sup> para escolher o sentido de sua existência sem a tutela de outro.

A preguiça e a covardia são as causas pelas quais uma parte tão grande dos homens, libertos há muito pela natureza de toda tutela alheia (naturaliter maiores), comprazem-se em permanecer por toda sua vida menores; e é por isso que é tão fácil a outros instituírem-se seus tutores. É tão cômodo ser menor. Se possuo um livro que possui entendimento por mim, um diretor espiritual que possui consciência em meu lugar (...), não preciso eu mesmo esforçar-me. Não sou obrigado a refletir, se é suficiente pagar; outros se encarregarão por mim da aborrecida tarefa. (...)

É portanto difícil para todo homem tomado individualmente livrar-se dessa minoridade que se tornou uma espécie de segunda natureza. Ele se apegou a ela, e é então realmente incapaz de se servir de seu entendimento, pois não deixam que ele o experimente jamais.

Preceitos e fórmulas, esses instrumentos mecânicos destinados ao uso racional, ou antes ao mau uso de seus dons naturais, são os entraves desses estado de minoridade que se perpetua. (KANT, Immanuel. 1783. p. 1, 2)

A abertura para o pensamento crítico, a capacidade de fazer o indivíduo pensar por conta própria, ter posições claras e refletidas, não é senão a meta do ensino de filosofia. O adolescente encontrará elementos de que precisa para realizar a da primeira etapa do processo e se tornar o que ele quiser ser. Não só isso, mas dará também condições de efetuar um agir social e moral que abarque o *outro* em suas ações, que *considere a humanidade em sua pessoa* (Kant I. 1785).

## Conclusão

O texto dá ao ensino de filosofia a missão de fazer com que o amadurecimento biológico do educando seja acompanhado pelo amadurecimento intelectual; de nutrindo-o com um sistema de valores que permite a descoberta de seu mundo interior e o capacite a uma ação refletida no mundo exterior; fazendo aluno e professor conscientes de que a conquista da maturidade é intermediada por densos conflitos, que quanto mais se intensificam mais abrem caminho para o “apropriar-se novamente” da identidade perdida. O educador, a escola, a família e a sociedade de um modo geral são colaboradores na formação do cidadão, e seu

<sup>30</sup>“Sapere aude! Tenha a coragem de servir-te de tua própria inteligência.” (KANT, I. 1783).

compromisso não pode ser omitido: de formar seres humanos capazes de escolher o melhor para si, em uma escolha que transpõe os limites da individualidade e atinge a esfera do universal.

**Submetido em agosto de 2013.**

**Aprovado para publicação em janeiro de 2014.**

#### REFERENCIAS

KNOBEL, Mauricio. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. 3. ed. - Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

CARDOSO, Marta Rezende. **Adolescentes**. São Paulo : Editora Escuta, 2006.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia** - de Freuda à atualidade. São Paulo: Paulus, 2005.

SARTRE, Jean Paul. **O existencialismo e um humanismo**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

HEGEL, George Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. Petrópolis: Vozes ; Bragança Paulista : Editora Universitária São Francisco, 2012.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: O que é o Esclarecimento?** (1783). Traduzido por Luiz Paulo Rouanet.

Disponível em: [http://ensinarfilosofia.com.br/\\_\\_pdfs/e\\_livros/47.pdf](http://ensinarfilosofia.com.br/__pdfs/e_livros/47.pdf)

KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Lisboa : Edições 70, 2009.